

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS

CURSO DE JORNALISMO

GEOVANA FERREIRA DE SÁ

(NÃO) ERA AMOR

AS DIFERENTES FACES DE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

SÃO PAULO

2º SEMESTRE DE 2021

GEOVANA FERREIRA DE SÁ

(NÃO) ERA AMOR

AS DIFERENTES FACES DE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para a obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Mirtes de Moraes Correa.

SÃO PAULO

2º SEMESTRE DE 2021

Este trabalho de conclusão de curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de sua autora.

AGRADECIMENTOS

Sempre fui muito boa com palavras. Desde a infância, é por elas que me expresso e tento entender o mundo. No entanto, escrever os agradecimentos foi uma das partes mais difíceis deste relatório. Afinal, como descrever tudo o que estou sentindo no final de mais um ciclo e o quanto sou grata às pessoas que fizeram parte da minha vida e me ajudaram a chegar até aqui. Por isso, me desculpe se minhas palavras falharem no caminho.

Primeiro, gostaria de agradecer à minha orientadora Mirtes de Moraes. Você é uma mulher incrível e tenho muito orgulho de ter trabalhado com você, mesmo que em curto período. Você me fez entender que tudo bem descansar às vezes e acalmou os meus nervos em cada parte do processo. Obrigada pela mentoria, conselhos, companhia e por ter confiado no meu talento e escrita até mesmo quando eu duvidava. Sem você, estaria perdida e nada disso seria possível. Então, do fundo do meu coração, obrigada.

Agradeço às minhas parceiras de trabalho e vida, Mariana Rodrigues e Amanda Brogio. Vocês leram diversas partes deste trabalho e foram críticas quando precisaram, a fim de torná-lo único. Nenhuma palavra seria capaz de definir o quanto a amizade de vocês é importante para mim. Obrigada por me acalmarem quando tudo o que queria era desistir e por simplesmente serem vocês.

Também agradeço a minha "Mônica", Thábata Bauer. Você me acolheu quando mais precisava e entendeu as minhas dores. Seus conselhos não apenas melhoraram meu livro, eles me tornaram uma pessoa e jornalista melhor. Continue sendo essa luz em um mundo repleto de escuridão.

Gostaria de agradecer às mulheres maravilhosas que me acolheram com tanta bondade durante quase um ano. Foram horas de entrevistas e trocas de mensagens, até mesmo de madrugada e nos intervalos de almoço. Sem vocês, este livro-reportagem não existiria e sou extremamente grata por toda a confiança e lições que me ensinaram. Por meio do olhar de cada uma, pude ver partes doloridas do mundo que ainda não conhecia. Este livro também é de vocês.

Agradeço também à minha vizinha Edinélia, você me tratou como filha e me ensinou que nenhuma relação vale a pena se você tem que se apagar no caminho.

Você é uma mulher extremamente forte e batalhadora. Ficarei feliz se, um dia, conseguir ser metade do que você é.

Quero agradecer aos meus pais que trabalharam duro para que eu tivesse as oportunidades que eles nunca tiveram. Mãe, obrigada por me ensinar a nunca parar de lutar, e pai, em seus olhos, sou uma pessoa melhor e tento todos os dias ser essa mulher que o senhor me vê. Espero nunca o decepcionar.

Agradeço ao meu irmão Juninho. Você foi como um pai quando os nossos não puderam e, do seu jeito, me apoiou nos meus sonhos. Também agradeço a todos os profissionais do Mackenzie que fizeram parte da minha trajetória e doaram um pouquinho de suas vivências e conhecimentos. Foram quatro anos de muitos desafios, erros, acertos e conquistas. Anos que me mudaram por completo e, por isso, sou grata.

Escrevo porque não sei fazer música. Se soubesse ler partituras e articular notas harmônicas, não me arriscaria nessas linhas tortas e analfabetas.

(Felipe Pena)

RESUMO

O presente relatório expõe a pesquisa realizada para prospecção do livro-reportagem *(Não) Era Amor: As Diferentes Faces de Relacionamentos Abusivos*, o qual mostra os múltiplos tipos de abuso contidos dentro de uma relação. Por meio do relato de quatro mulheres com idades, crenças, classe econômica e orientação sexual diferentes, foi mostrada a relação abusiva a partir da perspectiva da vítima. Para isso, foram narradas suas sensações e percepções ao longo dos acontecimentos com detalhes, a fim de imergir o leitor na história e trazer reflexão. Também foi mostrada a superação e consequências de uma relação violenta, assim como os possíveis caminhos para o desvinculamento, leis e conselhos jurídicos. Para o aprofundamento a respeito do tema, foram lidos diversos livros, entre eles se destacam: *Relações Destrutivas: Se ele é tão bom assim, por que me sinto tão mal?*, de Avery Neal, *Casais e Violência: Um enfoque além do gênero*, de Leonor M. Cantera, e *É Assim que Acaba*, de Colleen Hoover. Para a maior compreensão da linguagem literária empregada na peça, também foram consultadas as obras de Felipe Pena, Gustavo de Castro e Alex Galeno.

Palavras-chave: Relacionamentos Abusivos; Mulher; Jornalismo; Livro-reportagem.

ABSTRACT

This report exposes the research carried out to prospect the book-report (*Não) Era Amor: As Diferentes Faces de Relacionamentos Abusivos*, which shows the multiple types of abuse contained inside a relationship. Through the report of four women with different ages, beliefs, economic class and sexual orientation, the abusive relationship was shown from the perspective of the victim. For this, their sensations and perceptions throughout the events were narrated in detail, in order to immerse the reader in the story and bring reflection. It was also shown the overcoming and consequences of a violent relationship, as well as the possible paths for disengagement, laws and legal advice. To go deeper into the topic, several books were read, including: *Relações Destrutivas: Se ele é tão bom assim, por que me sinto tão mal?*, by Avery Neal, *Casais e Violência: Um enfoque além do gênero*, by Leonor M. Cantera, and *É Assim que Acaba*, by Colleen Hoover. For a better understanding of the literary language used in the piece, works by Felipe Pena, Gustavo de Castro and Alex Galeno were also consulted.

Keywords: Abusive Relationships; Woman; Journalism; Report-book.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. REFERENCIAL TEÓRICO	13
1.1. RELACIONAMENTO ABUSIVO	13
1.2. LIVRO-REPORTAGEM	14
1.3. LINGUAGEM LITERÁRIA.....	15
1.4. JORNALISMO HUMANIZADO.....	17
2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	18
2.1. PRÉ-PRODUÇÃO	18
2.2. PRODUÇÃO.....	19
2.3. PÓS-PRODUÇÃO	22
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	26
APÊNDICES	29

INTRODUÇÃO

Este projeto embasa a realização de um livro-reportagem acerca das diferentes faces de relacionamentos abusivos, focando no momento de percepção da vítima do caráter abusivo de seu relacionamento até a sua recuperação.

De acordo com Barreto (2015), a relação abusiva é aquela que predomina o excesso de poder de um sobre o outro. É o “desejo” de controlar o parceiro e de “tê-lo para si”. Por ser um comportamento que se inicia de modo sutil, sua percepção é difícil para muitas vítimas, que ficam presas em ciclos contínuos com intervalos menores e mais brutais.

Segundo Lemos (2016), quando se fala a respeito de relacionamentos abusivos, as pessoas normalmente lembram de uma relação amorosa em que a mulher é sempre considerada vítima e o homem assume o papel de assediador. Contudo, independente de sexo, idade, classe social, religião ou profissão, todos nós estamos propensos a nos relacionarmos com alguém abusivo.

Enquanto as relações tóxicas se restringem à manipulação psicológica, diminuindo a vítima, o relacionamento abusivo é mais letal. Nela, o abusador utiliza a violência emocional ou física para estar no controle, fazendo a vítima se sentir culpada por tudo de ruim que ocorre no relacionamento.

A manifestação desse abuso pode ocorrer de diversas formas, por meio de insultos, críticas, ameaças, intimidações, xingamentos, ridicularizações, manipulações, mentiras, entre outras atitudes danosas (UOL, 2019). Dessa forma, tais agressões implicam, lentamente, no aniquilamento da identidade e na aptidão de resistência da vítima, gerando prejuízos para a saúde física e mental que podem perpetuar durante a vida inteira.

A partir dos conceitos expostos, a pergunta-problema é: seria possível, por meio de um livro-reportagem, retratar os sentimentos ambíguos da descoberta, separação e superação de um relacionamento abusivo, assim como as consequências, permanentes ou não, de tal experiência?

Para responder à pergunta-problema, os objetivos principais traçados neste trabalho foram: escrever um livro-reportagem que desmistifique o pensamento de que

o abuso é uma forma de amor, quebrando a normalização presente na sociedade e mostrar a presença do abuso em diversos tipos de relacionamentos, assim como seus efeitos físicos e psicológicos.

Por sua vez, os objetivos secundários foram: estudar a linguagem literária e as características do livro-reportagem; construir uma narrativa capaz de expressar os sentimentos dessas vítimas; entrevistar pessoas que passaram por relacionamentos abusivos e conversar com especialistas ligados ao tema, para entender as complexidades que permeiam o assunto.

A relação abusiva vem sendo naturalizada durante séculos, por meio de um processo histórico e cultural da sociedade, que incorpora e reproduz valores de dominação. De acordo com Oliveira *et al.* (2016), preceitos errôneos vistos logo cedo em filmes e contos de fadas trazem a perigosa ideia de que todo ato feito “por amor” é justificável, desde o constrangimento causado pelo excesso de ciúmes até o assassinato.

Tenho na minha história o reflexo dessa cultura. Aos 13 anos, meu vizinho invadiu a minha casa, com o intuito de bater na esposa e arrancar sua filha dos meus braços. Quando completei 15 anos, a situação se repetiu e, aos 19, vi outras pessoas se tornarem vítimas de tais abusos. Todos os anos os personagens mudavam, mas o enredo era o mesmo.

Durante a pesquisa para a confecção deste relatório, percebi que não se tratava de casos isolados. De acordo com o Ministério dos Direitos Humanos (2018), apenas em 2018, os relatos de violência no Ligue 180, central de atendimento à mulher, chegaram a 79.661. Além disso, segundo a ONU Mulheres (2020), até julho do ano passado, 243 milhões de mulheres e adolescentes de 15 a 49 anos foram vítimas de abuso sexual e físico por um parceiro íntimo.

Em todas as situações citadas, não pude ajudar. Agora, como futura jornalista, posso fazer mais. Para Traquina (2005), os jornalistas não se resumem apenas a técnicas de redação, pois fazem parte de uma das profissões com as maiores responsabilidades sociais. Brum (2008) conta que trabalhamos com “psicografia de gente viva” e, por meio das palavras, conseguimos transmitir o indizível. Portanto, é função do jornalista romper com o silêncio que envolve o tema e expor esse cenário

problemático que, por abarcar questões econômicas, sociais e da saúde, afeta a sociedade como um todo.

Devido às subnotificações - que se agravaram durante a pandemia - os números oficiais dessa violência não condizem com a realidade do nosso país. Por isso, além de ampliar a visão dessa temática, devemos ser as vozes daqueles que foram calados. Afinal, para Belo (2006), o trabalho do autor torna-se um instrumento que permite ao leitor aprofundar-se nas questões, expandir seu conhecimento e interpretá-las a partir dessas informações, através da própria ótica.

Por meio do pluralismo (apresentação de pontos de vistas diferentes), um dos paradigmas da objetividade, também é possível mostrar que, embora as mulheres sejam as mais atingidas, o abuso está presente em todas as relações sociais e, se o governo não fizer nada agora, mais vidas serão perdidas.

O abusador tira a liberdade da vítima, o controle do seu corpo, suas ideias, personalidade, comportamento e, principalmente, sua vida. Somente após trazer essas questões à luz, será possível mudar as relações socioculturais entre homens e mulheres e caminhar rumo a uma sociedade melhor.

A metodologia teórica deste trabalho foi apoiada em diversas obras. Com o intuito de entender o tema, foram lidos os livros *Relações Destrutivas: Se ele é tão bom assim, por que me sinto tão mal?* (2018), de Avery Neal, e *Casais e Violência: Um enfoque além do gênero* (2007), de Leonor M. Cantera.

Para estudar o produto, foram lidos *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (1995), de Edvaldo Pereira Lima, e *Livro-Reportagem* (2006), de Eduardo Belo. A fim de compreender a linguagem, foram consultados os livros *Jornalismo Literário* (2006), de Felipe Pena, e *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra* (2005), de Gustavo de Castro e Alex Galeno.

Além disso, a fim de compreender os sentimentos conflituosos presentes em relações abusivas e coletar citações para a peça, foram lidos os livros *Teto para Dois* (2019), de Beth O'leary, *O Sétimo Portão* (2021), de Larissa Brigatti, *É Assim que Acaba* (2018), de Colleen Hoover, *Corte de Névoa e Fúria* (2016), de Sarah J. Maas, *A Ponte de Haven* (2015) e *Amor de Redenção* (2010), ambos de Francine Rivers.

Quanto à metodologia prática, por meio do Facebook e WhatsApp, foram contatados grupos de pessoas que estiveram em relacionamentos abusivos. Também utilizei o Instagram e Twitter a fim de alcançar um público maior e diverso. Com o intuito de coletar informações sobre frequência e período dessa violência, foi feito um formulário e postado nas redes sociais.

Além disso, para compreender as questões que envolvem o assunto com maior propriedade, também foram consultadas as psicólogas Lena Ramalho, especialista em relacionamentos e violência doméstica, e Adriana Nunan, doutora em psicologia clínica e autora do livro *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo* (2003). Também conversei com a advogada Claudia Neves, atuante na área cível com ênfase na família e seus reflexos patrimoniais.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. RELACIONAMENTO ABUSIVO

De acordo com Neal (2018), o abuso é todo tratamento inadequado ou forma de maus-tratos que tem a intenção de assustar, intimidar, aterrorizar, manipular, magoar, humilhar, culpar, injuriar ou ferir alguém. Ainda segundo a autora, embora essa palavra esteja atrelada à clássica violência doméstica, em que o homem bate em sua esposa, o abuso pode acontecer em todos os tipos de relacionamentos e ser bastante sutil.

Para Saffioti (2004), ao considerar natural que homens agredam suas esposas e que pais e mães maltratem seus filhos, a sociedade legitima uma pedagogia da violência. Por outro lado, Cantera (2007) acredita que o paradigma de gênero não dá conta de explicar o abuso nas relações, pois ele torna invisível a violência praticada por algumas mulheres contra seus parceiros masculinos, assim como a que acontece entre casais lésbicos. Tampouco esclarece a agressão entre casais gays, que está longe de ser socialmente reconhecida.

Desta forma, para Neal (2018), é importante que as pessoas saibam diferenciar um tratamento aceitável de um impróprio, pois o abuso ocorre em todas as raças, etnias, faixas etárias, religiões e classes sociais. Além disso, ele também pode aparecer de diversas formas, existir entre pais e filhos, irmãos e até mesmo entre amigos.

Por essa razão, Cantera (2007) considera necessária a desconstrução da atual visão sobre a violência entre casais para que seja possível compreendê-la e modificá-la. De acordo com a autora, devido à falta de reconhecimento, casais gays e lésbicos não recebem assistência de serviços sociais, sanitários, policiais ou jurídicos. Muito menos recebem orientação para que possam compreender, prevenir e controlar a violência que ocorre em suas relações.

Segundo Neal (2018), um dos maiores enganos é pensar que o abuso implica apenas a violência física. Isso permite que os abusos verbal, emocional, psicológico e sexual não sejam identificados como tal, tornando tolerável um comportamento inaceitável. Contudo, Saffioti (2004) conta que a violência física, sexual, emocional e moral não costuma ocorrer isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência psicológica estará presente.

Além disso, Neal (2018) alerta que o abuso é extremamente traumático e as consequências são difíceis de administrar. Para Saffioti (2004), assim como as feridas do corpo, as da alma também podem ser tratadas. No entanto, as probabilidades de sucesso, em termos de cura, são reduzidas e, na maioria dos casos, não se obtém êxito.

1.2. LIVRO-REPORTAGEM

Belo (2006) comenta que o livro-reportagem não tem uma data de nascimento. Antes de seu conceito ser empregado nos círculos acadêmicos ou nas rodas de jornalistas, centenas de narrativas de não-ficção já haviam sido publicadas. Entretanto, é possível determinar que a reportagem, em livro, começou a ganhar força como um subgênero da literatura na Europa do século XIX.

Para Lima (1995), o livro-reportagem preenche os vazios deixados pelo jornal, revistas, emissoras de rádio e noticiários de televisão. Ele permite um maior aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, de forma parcial, o aspecto transitório da mensagem praticada pelos canais cotidianos de informação jornalística. Contudo, Belo (2006) acredita que o livro-reportagem se insere nessa lacuna não como substituto, mas como complemento da cobertura tradicional, como um veículo capaz de informar, revelar, documentar e analisar.

Para Couto (2017), além de cobrir os espaços deixados pela imprensa, o livro-reportagem também pode ampliar ou resgatar um assunto que ficou adormecido no passado. Segundo Lima (1995), o livro-reportagem é, muitas vezes, fruto da inquietude do jornalista que tem algo para dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana.

Couto (2017) também acredita que uma mesma temática de um livro-reportagem pode ser desdobrada de uma perspectiva social, política e econômica. Além disso, Belo (2006) conta que uma reportagem pode ser descritiva, limitando-se a narrar os acontecimentos, ou pode ser analítica, quando, além de narrar, agrega informações paralelas e confere maior grau de contextualização à história.

Segundo Lima (1997), devido à variedade de livros-reportagem existentes, distintos quanto à linha temática e aos modelos de tratamento narrativo, é possível classificá-los em diferentes grupos. No entanto, essa classificação não pode ser considerada final, porque novas variedades podem surgir. Na prática, é possível que os títulos se enquadrem simultaneamente.

Desta forma, para Belo (2006) não existem receitas de como escrever uma reportagem. Elas são apenas alternativas, no meio de uma enorme gama de possibilidades. “Cada história é única e cada narrador tem as suas peculiaridades” (p. 122).

1.3. LINGUAGEM LITERÁRIA

Para Castro (2010), o Jornalismo Literário não se originou com os americanos, como todos acreditam. Embora o “New Journalism” tenha o seu início com eles, a forma de relatar literariamente um acontecimento aos seus contemporâneos por meio do recurso da ficcionalidade é mais antiga que a invenção da imprensa.

Segundo Pena (2006), o termo “jornalismo literário” dá margem a uma série de diferentes interpretações sobre o seu significado. Contudo, ele define essa vertente como a “linguagem musical de transformação expressiva e informacional” (p. 23). Desta forma, não se trata da dicotomia ficção ou verdade, da oposição entre informar ou entreter, ou se é Jornalismo ou Literatura, mas sim de melodia.

Por outro lado, Silva (2005) acredita que falar nem sempre quer dizer alguma coisa, da mesma forma que dizer nem sempre exige uma fala. Para ele, o jornalismo

se encontra com a literatura quando toma consciência da carne e do silêncio das palavras. Castro (2005) exalta essa completude quando conta que enquanto o saber literário luta contra a trivialização do mundo, o saber jornalístico é a resistência frente à passividade e à desmemorização do homem. Conforme o autor, o sentido que um acontecimento toma não distingue um saber do outro, pois ambos convergem, dialogam e complementam-se em uma harmonia perfeita.

Quanto aos seus aspectos, Pena (2006) conta que o Jornalismo Literário é caracterizado como uma modalidade de prática da reportagem de profundidade, que utiliza recursos originados na Literatura como a reconstrução da história cena a cena, apresentação de múltiplos pontos de vista, registro de diálogos, hábitos, roupas, gestos e outras particularidades, para contextualizar e interpretar os acontecimentos. Ainda segundo o autor, esse gênero possibilita a imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos, digressão e, principalmente, a humanização dos personagens narrados.

Embora haja uma fronteira entre jornalismo e ficção, Scliar (2005) admite ser um muro permeável, que permite uma útil e amável convivência. Um exemplo disso, segundo o autor, é que no passado grandes escritores foram ótimos jornalistas, como Machado de Assis e Lima Barreto. Todavia, para Pena (2016), não basta aplicar técnicas literárias para se tornar um jornalista literário. É preciso ser um repórter extremamente engajado, entrevistar com exaustão cada um dos seus personagens e, no momento de mostrar os diversos pontos de vista, sua capacidade de descrição deve ser excelente.

Comparando o Jornalismo Literário a uma estrela de sete pontas, o autor complementa listando sete itens imprescindíveis. O primeiro deles é potencializar os recursos do Jornalismo, visto que esse gênero não ignora o que aprendeu no jornalismo diário, mas o desenvolve. A segunda ponta visa romper com a periodicidade e a atualidade, pois o seu dever é ultrapassar e proporcionar uma visão ampla da realidade, que é a terceira ponta. Em quarto, é preciso exercer a cidadania, pensando em como o seu tema pode contribuir para a formação do cidadão. A quinta visa romper com as correntes do lide, e a sexta a evitar os definidores primários. A sétima e última característica é a perenidade, pois “uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial” (p. 15-17).

1.4. JORNALISMO HUMANIZADO

Segundo Ijuim (2017), embora a comunicação seja um ato humano, nem sempre o ato de comunicar tem sido humanizado. Principalmente quando a imprensa caricaturiza o ser humano, ignora a complexidade do fenômeno e não reconhece o Outro. Em outra pesquisa, Ijuim (2012) diz que, no jornalismo humanizado, o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que essa atividade começa antes da pauta, na consciência do jornalista.

Lima (1995) acredita que o perfil humanizado é caracterizado pela abertura e proposta de compreensão ampla do entrevistado em vários aspectos, do histórico de vida ao comportamento e dos valores aos conceitos. Entretanto, Ijuim (2012) conta que tratar a pessoa como mais que uma fonte, mas como personagem de uma história, já é uma das possibilidades de humanizar o relato jornalístico.

Para Ijuim (2012), o jornalista deve buscar versões verdadeiras no trabalho de apuração, mas não necessariamente produzir a verdade, uma vez que não nos relacionamos com objetos, mas com outros seres humanos. Por essa razão, é preciso compreender as ações dos sujeitos da comunicação, e “na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas” (p.133).

A humanização evita os estereótipos, visando retratar os seres humanos em sua complexidade, com virtudes e defeitos, de forma que as pessoas não são tratadas meramente como fontes de informação. São personagens e protagonistas de suas histórias. Humanizar, nesse sentido, inclui o próprio autor da narrativa (LIMA, 2009, apud NASCIMENTO, 2015).

Para isso, o jornalista deve se afastar dos preceitos para “captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir”. Ele precisa assumir a postura de curiosidade, descoberta e de humildade para sentir as dores do mundo. Mas também de empatia e de solidariedade para se deixar levar pelas dores universais (DINES, 2009, MEDINA, 2008, apud IJUIM, 2012).

Alves e Sebrían (2008) acreditam que o jornalismo humanizado não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da

literatura e que valoriza personagens. Ele busca a essência das ações humanas, “é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado” (p. 2).

2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

2.1. PRÉ-PRODUÇÃO

Embora sempre tenha me interessado por assuntos ligados ao abuso nas relações, apenas no 5º semestre realmente comecei a me questionar sobre a temática. Ainda estava muito indecisa sobre qual tema escolher para trabalhar durante um ano, quando, por indicação de um amigo, comecei a ler *Corte de Espinhos e Rosas* (2015), de Sarah J. Maas.

De início, parecia outro romance comum, repleto de fantasia e até mesmo um toque de conto de fadas. Torci pelo casal principal e até mesmo senti suas dores, para, no segundo livro, descobrir que se tratava de uma relação abusiva. Como alguém que passou a infância e adolescência repudiando relações como essa, fiquei extremamente perturbada quando percebi que confundi o abuso com amor e me deixei iludir.

Foi quando me dei conta de que não era muito diferente das mulheres ao meu redor, que cresceram com a idealização de um “príncipe encantado” ou de um “romance ideal”, e percebi como o abuso pode ser sutil. A partir disso, comecei a pesquisar mais sobre o assunto e acompanhar as notícias na televisão. Notei que, durante a pandemia, houve um aumento absurdo na violência doméstica e que havia diversas obras, até mesmo atuais, que romantizavam tais relações.

Com o intuito de desnaturalizar essa violência e mostrar a dor da vítima, decidi escrever um livro-reportagem sobre relacionamentos abusivos. Essa peça foi escolhida por oferecer maior privacidade às fontes e liberdade estilística. A linguagem literária deu-se, pois sempre gostei de narrar sentimentos e sensações. Além disso, achei que um assunto tão visceral deveria ser contado como tal.

Como se trata de um tema que já foi abordado de diversas formas ao longo dos anos, resolvi contar as histórias a partir da perspectiva da vítima — narrando suas sensações e percepções ao longo da relação, principalmente no momento em que percebe que está em um relacionamento abusivo.

Dado que as mulheres são as mais atingidas por essa violência, decidi focar o livro nelas. Dessa forma, para a elaboração dos capítulos, conversei com mulheres, independente da orientação sexual, que se envolveram amorosamente com pessoas abusivas — visto que o abuso também ocorre em relações homoafetivas.

Além disso, na maioria dos casos, o agressor parece um “príncipe” no começo da relação. Portanto, utilizei elementos dos contos de fadas, com algumas alterações, para contar histórias de pessoas que demoraram para perceber o abuso em suas relações devido a idealizações, crenças e ao modo como foram criadas.

Para o desenvolvimento de algumas histórias, também conversei com pessoas oriundas de famílias abusivas, a fim de mostrar como esse primeiro contato com situações violentas afetou os relacionamentos futuros.

2.2. PRODUÇÃO

Iniciei o contato com as entrevistadas no começo de janeiro deste ano. Entrei em diversos grupos, tanto no WhatsApp quanto no Facebook, sobre relacionamentos abusivos, procurei fontes no Twitter por meio da hashtag “meu ex-abusivo” e publiquei um questionário em grupos voltados a mulheres no Facebook, a fim de captar fontes e pegar algumas informações. Também criei uma enquete no Instagram, pois queria conversar com o máximo de mulheres possível e realmente ouvir suas histórias.

Todas foram muito simpáticas e dispostas a ajudar, contudo tive que ir devagar com receio de passar algum limite. Como estar em relações abusivas podem confundir a memória, confirmei os detalhes de um mesmo acontecimento diversas vezes.

Além disso, não cheguei com perguntas prontas, porque achei que isso iria segurá-las e deixá-las nervosas. Primeiro, pedi para contarem sobre a sua história, com o máximo de detalhes, e, a partir de determinados momentos, formulei o resto das perguntas. A maioria das entrevistas duraram entre 1h e 2h.

Muitas delas perceberam outras situações de abuso durante a conversa, achavam algumas agressões “normais”. Não viam o ciúme excessivo e o controle das roupas como uma forma de abuso. Em todas as histórias, ciúme, traições, controle psicológico, violência sexual e física estavam muito presentes.

Todo o processo de entrevista foi mais difícil do que esperava. Algumas entrevistadas desistiram no meio do relato, pois lembrar dos momentos com o abusador era doloroso demais; outras não se sentiram confortáveis com entrevistas por meio de chamada de vídeo. Cada uma tinha seu tempo, e os respeitei para não acionar nenhum gatilho.

Todas as entrevistadas foram compreensíveis, acessíveis e confiaram em mim. Por isso, alterei o nome até das que não pediram no livro. Elas deram tantos detalhes sobre seus medos, sentimentos e esperanças, achei que precisavam dessa privacidade. Além disso, o que retratei nos capítulos pode acontecer com qualquer uma. A identidade, nesse contexto, não era de suma importância.

Em vez disso, troquei por nomes que definissem cada uma delas no período em que estiveram em relações abusivas. Amanda significa aquela que é digna de ser amada; Pietra vem de pedra, fazendo alusão a pessoas fortes; Anastasia significa ressurreição ou aquela que tem força para ressuscitar; já Isis remete a pessoas independentes e companheiras.

Seguindo a mesma linha, o nome dos companheiros também foi trocado. Saulo significa aquele que foi muito desejado ou que foi pedido insistentemente; Maeve vem do gaélico e quer dizer intoxicante; Marco remete a momentos que alteram a nossa vida por completo. Em um dos seus muitos significados, Rodrigo significa príncipe famoso ou rei. Os nomes dos demais personagens também trazem significados importantes na narrativa.

Devido à pandemia, todas as entrevistas foram realizadas por meio de chamada de vídeo e WhatsApp. Anastasia e Pietra foram as primeiras que encontrei por meio do questionário. Embora não seguissem à risca as características que procurava para cada capítulo, ambas as histórias me tocaram muito. Em seguida, contatei Amanda, da qual consegui o contato por meio de uma psicóloga. Isis foi a última, pois, até mesmo nas redes sociais, poucas pessoas falam sobre o abuso nas relações homoafetivas. Encontrei-a por meio de uma hashtag no Twitter.

Chamei todas as entrevistadas diversas vezes para conversar e confirmar informações, sempre perguntando como se sentiam e afirmando para irem no próprio

tempo. A cada entrevista, descobria algo novo e alterava o texto, o qual passou por intensas e constantes mudanças.

Após o período de apuração, montei a estrutura dos capítulos para me ajudar a não me perder nas histórias. Inicialmente, cada capítulo teria pesquisas, dados, definições e falas de psicólogas. Contudo, após uma conversa com minha orientadora, decidimos deixar os dados e falas das profissionais no capítulo final.

Com o intuito de me aprofundar nos relatos e manter a densidade das cenas, mantive o formato de uma história por capítulo, somente o penúltimo se difere com uma mescla dos relatos. Além disso, esse é o único capítulo que coloco falas diretas das entrevistadas. Como se trata do encerramento de um ciclo, com aprendizados e dores, achei que o leitor precisava desse contato maior com as protagonistas.

Para finalizar a peça, montei um capítulo repleto de informações. Nele, coloquei os principais indícios de uma relação abusiva; como sair e ajudar alguém que se encontra em uma relação como essa; principais leis que respaldam as mulheres, adolescentes e crianças; lugares que auxiliam pessoas que se encontram em situação de violência e como enfrentar o problema. Assim, além de expor a problemática, quis auxiliar mulheres que ainda têm pouco conhecimento a respeito dos seus direitos e opções de saída.

Cada capítulo foi iniciado com uma citação de algum livro ou série que demonstra o abuso nas relações e uma ilustração. Todas as citações foram inseridas para adiantar aspectos das histórias que foram apresentados ao longo da narrativa, levando o leitor para aquela realidade.

Assim como propõe Pena (2016), utilizei a linguagem literária a fim de reconstruir cenas, registrar diálogos, hábitos, roupas, gestos e, principalmente, humanizar os relatos. Desse modo, por meio desses elementos, recriei histórias e sensações para imergir os leitores nas histórias, tornar os acontecimentos mais vívidos e gerar reflexão.

O instante da descoberta de um abuso é um momento único, pois é quando a vítima se reconhece como vítima. Culpa, raiva, medo e insegurança tomam conta dessas pessoas, emoções difíceis de serem sentidas e ainda mais de serem retratadas. É um acontecimento em que as palavras não bastam. Na falta delas, Silva

(2005) relata que o jornalismo e a literatura tomam conta. Portanto, também utilizei recursos literários, como descrição de sentimentos, para contar narrativas silenciosas.

2.3. PÓS-PRODUÇÃO

No meio do processo de escrita, procurei por uma revisora, diagramadora e ilustradora para finalizarem os detalhes do livro. Todas as profissionais foram encontradas a partir de indicações de colegas e foram escolhidas pelo profissionalismo e competência. No fim, Luiza Pelorca ficou responsável pela diagramação e ilustração, e Larissa Zanelatto e Júlia Remer, pela revisão.

Para a construção do protótipo do livro, enviei para a ilustradora citações que estariam nos capítulos e uma pasta criada no Pinterest com referências de ilustrações. O fato de Luiza já ter lido *Corte de Rosas e Espinhos* - uma das minhas maiores inspirações - também ajudou para que entendesse de onde surgiu a ideia para o livro e que caminho queria seguir.

Inicialmente, a capa teria cores mais vivas, puxadas para o azul e roxo. No entanto, mudamos de ideia ao longo do caminho e decidimos trazer tonalidades simples e monocromáticas, como o preto e vermelho, que remetesse à violência presente nos capítulos. A intenção era fazer um jogo entre conto de fadas e realidade, visto que a maioria desses relacionamentos começa com a sensação de magia e, em geral, termina com a noção do real.

O título (*NÃO*) era amor: *As Diferentes Faces de Relacionamentos Abusivos* foi pensado a partir do fato de que o abuso pode ser muitas coisas, menos amor. Além disso, como se trata de um livro que aborda os diversos tipos de abuso existentes em uma relação, ele exhibe as “faces” que essa violência pode dispor. O nome, como trocadilho, também remete às múltiplas personalidades que o abusador apresenta na relação.

Os espinhos na capa fazem alusão à brutalidade da violência, e o vermelho traz todos os sentimentos ambíguos presentes nessas relações, como: raiva, paixão, desejo, excitação, perigo, amor e poder, além de remeter ao sangue. A menina no canto transmite a ideia de quem está fugindo, seja de alguém ou de algo.

Quanto às ilustrações, todas foram pensadas a partir daquilo que está mais presente em cada história, como um sentimento, dogma ou situação marcante. Os

rostos são indefinidos, pois quisemos trazer a ideia de que poderia ser qualquer mulher. O vermelho presente em todas as ilustrações remete à ideia de violência, a qual abala a vítima por inteiro, e a junção do preto com o branco quebram o clima “mágico” que as imagens trazem.

Também foram inseridas cartas, mensagens e diálogos fornecidos pelas entrevistadas a fim de elucidar situações. Além disso, o mapa presente no começo do livro com regiões de São Paulo foi incluído para mostrar que o abuso ocorre em todos os lugares e que não estamos imunes a essa violência.

Para a realização da peça, foram obtidas autorizações de imagem de todas as personagens do livro e dos profissionais especializados. No entanto, apenas as dos profissionais podem ser encontrados neste relatório, a fim de preservar a identidade das entrevistadas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

(Não) era amor: As Diferentes Faces de Relacionamentos Abusivos é a minha pequena obra-prima. Nunca pensei que seria capaz de escrever um livro-reportagem, pois nunca confiei muito na minha escrita ou em mim mesma. Na verdade, sempre me achei pouco objetiva ou rápida para a profissão dos momentos. Devido ao meu perfeccionismo, lia e editava o mesmo texto incansavelmente até estar do jeito que queria.

No entanto, este livro mudou tanto a minha percepção sobre mim mesma quanto a respeito do mundo. Embora tenha familiaridade com o tema em razão da minha história, as pesquisas, os livros, as entrevistas com psicólogos, advogados e vítimas me mostraram que o problema é muito maior do que pensava e afeta pessoas comuns.

Independente da raça, orientação sexual, religião ou classe econômica, todos estamos sujeitos a essa violência. Por isso, não importa quantas vezes já tenha sido tratado, é um tema que nunca deixará de ser pauta até que a violência, principalmente contra as mulheres, deixe de ser vista como algo aceitável ou comum em nossa cultura. Infelizmente, quando a mulher é abusada, nunca há provas suficientes.

A agressão também vai além da física, é feita por meio de palavras, manipulações, atitudes e desprezo quanto aos sentimentos da vítima. Mais do que

expor a violência constante na vida das brasileiras, precisamos mostrar como elas se sentem, visto que não se trata de números e sim de pessoas, com sentimentos intensos e conflitantes.

Nesse cenário, um relato mais literário e voltado para a percepção da vítima torna-se essencial. Além de gerar identificação, ele levanta questionamentos, causa reflexão e traz informações essenciais para a vítima tentar mudar de realidade.

Portanto, respondendo à pergunta-problema, é possível retratar os sentimentos ambíguos da descoberta, separação e superação de um relacionamento abusivo, assim como suas consequências. Contudo, diferente do que pensava quando idealizei o livro, o reconhecimento de que se está em uma relação abusiva, na maioria das vezes, não acontece em um único momento.

São várias situações, agressões e violações que fazem a vítima, aos poucos, despertar da nuvem de “magia” imposta no começo do relacionamento. Por ser algo tão intangível e confuso, não foi algo fácil de se abordar. Mais do que uma ótima escrita, escrever sobre o abuso nos relacionamentos demandou empatia, intensa pesquisa, mente aberta, cuidado com a fala, atenção e, acima de tudo, cuidado.

Sempre tentei entender o lado do outro e sentir suas dores. No entanto, a faculdade me ajudou a potencializar essas características e fomentar novas habilidades, como paciência, persistência e o famoso “faro jornalístico” — o qual me ajudou no processo de seleção das histórias.

Embora todas as matérias tenham contribuído para que me tornasse uma pessoa e jornalista melhor, algumas foram essenciais para a confecção deste trabalho. “Grande Reportagem” foi muito importante para que conseguisse reconstruir sentimentos, lugares, hábitos e falas da forma mais fidedigna possível. Também me ensinou a tirar os “excessos” do texto que tornam a leitura arrastada e a não me contentar com o básico. Afinal, quando se trata do aprofundamento de um trabalho, fontes nunca são demais.

Além disso, essa matéria foi essencial para que desenvolvesse minha escrita literária, algo que sempre gostei, mas tinha pouco contato. “Fotografia” e “História da Arte” foram extremamente importantes para que compreendesse como certos personagens se sentiam, a fim de transmitir — da forma mais real possível — esses

sentimentos no texto. Assim como a fotografia, o livro possui certa musicalidade e tentei perceber as "notas" que as entrevistadas queriam emitir em suas palavras e no silêncio.

A matéria "Psicologia" me auxiliou nos roteiros das entrevistas com as psicólogas, facilitando a minha compreensão. "Editoração e Design da Notícia" também foi de suma importância, para que conseguisse passar o que desejava a diagramadora e auxiliá-la em cada etapa do projeto.

"Ética Jornalística" foi essencial para que não passasse do limite existente entre jornalista e fonte, sem perder a empatia e o cuidado. Durante muitas cenas, chorei escrevendo. No entanto, isso não me tornou menos profissional ou apta, mas, como Eliane Brum costumava dizer, é apenas uma das consequências de ser humano.

Por fim, "Teorias do Jornalismo" fez com que cobrasse mais de mim e não desistisse na primeira dificuldade, pois, em um processo de aprendizagem, sempre as encontrarei. Também foi essencial para que conseguisse escrever um capítulo tão complexo quanto "No arco-íris também há roxo". Por abordar questões religiosas, mentais, de gênero e raça, ele demandou certa delicadeza e muita pesquisa prévia. Para me inserir naquela realidade, assisti a diversos filmes que abordam a temática.

Embora falar a respeito do futuro seja algo delicado para mim, tenho certeza de que este livro ajudará muitas mulheres que ainda sentem medo ou vergonha de admitir que estão em uma relação abusiva. Denunciar nunca é o fim, por isso devemos continuar expondo esse cenário e discutindo a respeito do assunto.

Infelizmente, é um dos crimes mais sujeitos à subnotificação. Por isso, muitas mulheres sofrem em silêncio. É um problema social e cabe a nós, como jornalistas e cidadãos, fazer o nosso papel para tentar mudar este cenário. Ao escrever *(Não) era amor: As Diferentes Faces de Relacionamentos Abusivos*, contribui para a discussão. Contudo, é apenas o começo.

Deixarei o livro disponível na internet para que todos possam ler, se identificar, sensibilizar e, acima de tudo, se informar. Como disse no começo, ele é a minha pequena obra-prima. Apesar de ter um pedaço de mim, escrevi para elas e por elas. Não sei o que o futuro me aguarda, mas continuarei nesta batalha para que o abuso deixe de ser visto como amor, pois ele não é.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. Jornalismo Humanizado: o ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico. In: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL**, 9., 2008, Guarapuava. **Anais [...]**. Guarapuava: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0540-1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

BARRETTO, Raquel Silva. **Psicóloga explica relacionamentos abusivos**: o que é e como lidar com essa situação. 2015. Entrevista UNESP. Disponível em: <http://reporterunesp.jor.br/2015/08/20/psicologa-explica-relacionamentos-abusivos-o-que-e-e-como- lidar-com-essa-situacao/>. Acesso em: 26 set. 2020.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 146 p. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

BRANDÃO, Marcelo. Agência Brasil. **Lei Maria da Penha**: subnotificações escondem número real da violência. subnotificações escondem número real da violência. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-08/lei-maria-da-penha-subnotificacoes-escondem-numero-real-da>. Acesso em: 22 nov. 2021.

BRIGATTI, Larissa. **O Sétimo Portão**. [S. L.]: Chiado Editorial, 2021. 70 p. Versão para Kindle.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Editora Globo, 2008. 219 p. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n00x>. Acesso em: 26 nov. 2020.

CANTERA, Leonor M. **Casais e Violência**: um enfoque além do gênero. Porto Alegre: Dom Quixote, 2007. 207 p.

CASTRO, Gustavo de. A palavra compartilhada. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005. Cap. 7. p. 71-83.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo Literário**: uma introdução. [S.L.]: Casa das Musas, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/40828132/Gustavo_Castro_Jornalismo_Liter%C3%A1rio_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 20 set. 2019.

COUTO, Andréia Terzariol. **Livro-reportagem**: guia prático para profissionais e estudantes de jornalismo. Campinas: Editora Alínea, 2017. Versão para Kindle.

HOOVER, Colleen. **É Assim que Acaba**. Rio de Janeiro: Galera, 2018. 368 p. Tradução de: Priscila Catão. Versão para Kindle.

IJUIM, Jorge Kanehide. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Revista Comunicação Midiática**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 118-137, ago. 2012. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290/289>. Acesso em: 15 out. 2020.

IJUIM, Jorge Kanehide. Por que humanizar o jornalismo (?). **Verso e Reverso**, Florianópolis, v. 31, n. 78, p. 236-243, dez. 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/ver.2017.31.78.07/6252>. Acesso em: 15 out. 2020.

KESTERING, Virginia Therezinha. **Da princesa em perigo ao príncipe descartado: o amor romântico nos filmes de princesa da disney**. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Cap. 3. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-ASPHQJ/1/disserta__o__virginia_therezinha_kestering.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

LEMOS, Carla Egídio. **Relacionamento Abusivo**. 2016. Disponível em: <http://carlaegidio.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Relacionamento-Abusivo.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2. ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, 1995. 271 p.

MAAS, Sarah J.. **Corte de Névoa e Fúria**. Rio de Janeiro: Galera, 2016. 658 p. Tradução de: Mariana Kohnert. Versão para Kindle.

Ministério dos Direitos Humanos. **MDH divulga dados sobre feminicídio**. 2018. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/todas-as-noticias/2018/agosto/ligue-180-recebe-e-encaminha-denuncias-de-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em: 20 set. 2019.

NASCIMENTO, Patrícia. A presença do jornalismo humanizado nas crônicas do livro "A vida que ninguém vê". In: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE**, 17., 2015, Natal. **Anais [...]**. Natal: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. p. 1-9. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-0704-1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

NEAL, Avery. **Relações Destrutivas: se ele é tão bom assim, por que me sinto tão mal**. São Paulo: Gente, 2018. 256 p. Tradução de: Sandra Martha Dolinsky. Versão para Kindle.

O'LEARY, Beth. **Teto para Dois**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019. 400 p. Tradução: Carolina Selvatici. Versão para Kindle.

OLIVEIRA, Francisca Moana A. de *et al.* Romantização do Relacionamento Abusivo, uma Violência Silenciosa: a ineficácia da lei maria da penha. In: **ENCONTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE LUCIANO FEIJÃO**, 9., 2016, Ceará. **Anais [...]**. Ceará: Flf, 2016. p. 1-14. Disponível em: https://flucianofeijao.com.br/novo/wp-content/uploads/2019/03/ROMANTIZACAO_DO_RELACIONAMENTO_ABUSIVO_U MA_VIOLENCIA_SILENCIOSA_A_INEFICACIA_DA_LEI_MARIA_DA_PENHA.pdf. Acesso em: 26 set. 2020.

ONU MULHERES (Brasil). Violência contra as mulheres e meninas é pandemia invisível, afirma diretora executiva da ONU Mulheres. 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/violencia-contra-as-mulheres-e-meninas-e-pandemia-invisivel-afirma-diretora-executiva-da-onu-mulheres/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 147 p. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/>. Acesso em: 19 out. 2020.

RIVERS, Francine. **Amor de Redenção**. 6. ed. Campinas: Verus, 2010. 462 p. Tradução de: Alyda Sauer. Versão para Kindle.

RIVERS, Francine. **A Ponte de Haven**. Campinas: Verus, 2015. 434 p. Tradução de: Cecília Camargo Bartalotti. Versão para Kindle.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. 151 p. Disponível em: [file:///C:/Users/geova/Downloads/G%C3%AAnero,%20Patriarcado,%20Viol%C3%AAncia%20by%20Heleieth%20Saffioti%20\(z-lib.org\).pdf](file:///C:/Users/geova/Downloads/G%C3%AAnero,%20Patriarcado,%20Viol%C3%AAncia%20by%20Heleieth%20Saffioti%20(z-lib.org).pdf). Acesso em: 18 out. 2020.

SCLIAR, Moacyr. Jornalismo e literatura: a fértil convivência. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005. Cap. 1. p. 13-14.

SILVA, Juremir Machado da. O que escrever quer calar?: literatura e jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005. Cap. 4. p. 47-52.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. 224 p.

UNIVERSA: Não sabe se vive um relacionamento tóxico ou abusivo? Entenda as diferenças. São Paulo, 28 maio 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/05/28/nao-sabe-se-vive-um-relacionamento-toxico-ou-abusivo-entenda-as-diferencas.htm>. Acesso em: 20 set. 2019.

APÊNDICES

Apêndice I – Autorizações de uso de imagem

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Adriana Nunan do Nascimento Silva, portador da Cédula de Identidade nº 10771022-0, inscrito no CPF sob nº 078730047-08, residente à Rua Faro, nº 54 / 104, na cidade de Rio de Janeiro, AUTORIZO o uso de minha imagem (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho "(Não) era amor: as diferentes faces de relacionamentos abusivos" (livro-reportagem).

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) homepage; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Rio de Janeiro, 16 de abril, de 2021


Adriana Nunan do N Silva
Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, **Alice Bianchini**, portadora da Cédula de Identidade nº 1561080-2, inscrita no CPF sob nº 613.920.659-68, residente à Avenida Paulista, nº 1776, na cidade de São Paulo/SP, **AUTORIZO** o uso de minha imagem, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho "(Não) era amor: as diferentes faces de relacionamentos abusivos" (livro-reportagem).

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 18 de outubro de 2021



Assinatura

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, CLAUDIA PEREIRA DAS NEVES E SILVA, portador da Cédula de Identidade nº 084.743.28-5 SSP/RJ, inscrito no CPF sob nº 013.840.397-45, residente à Avenida Padre Antonio Jose dos Santos nº 388/92, na cidade de São Paulo, AUTORIZO o uso de minha imagem, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho “(Não) era amor: as diferentes faces de relacionamentos abusivos” (livro-reportagem).

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 13 de outubro de 2021

CLAUDIA PEREIRA
DAS NEVES E SILVA

Assinado de forma digital por
CLAUDIA PEREIRA DAS NEVES E
SILVA
Dados: 2021.10.13 23:18:41 -03'00'

Assinatura

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Lena Rachel Ramalho de Araújo, portador da Cédula de Identidade nº 96015022484, inscrito no CPF sob nº 80017630304, residente à Rua Avenida C, bairro prefeito José Walker, nº 530, na cidade de Fortaleza - CE, AUTORIZO o uso de minha imagem, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho "(Não) era amor: as diferentes faces de relacionamentos abusivos" (livro-reportagem).

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 22 de julho de 2021

Lena Rachel Ramalho de Araújo

Assinatura